

DESLOCAMENTOS TERRITORIAIS: MAPEANDO UM PROCESSO INVESTIGATIVO

Aline Nunes da Rosa
PPGACV/FAV/UFG

ISSN 2316-6479

Resumo

As reflexões trazidas neste texto derivam dos deslocamentos e indagações vividas em meio a um processo investigativo, em nível doutoral. Neste recorte parto de duas questões que tem operado enquanto caminhos a serem abordados no trabalho: os deslocamentos territoriais enquanto possibilidade de mudança e subjetivação e as imagens como possibilidades de potencializar e mapear as experiências de trânsitos e mudanças.

Palavras chave: deslocamentos territoriais; imagens; processo investigativo.

Abstract

The reflections made in this paper are derived from the displacements and inquiries lived amid an investigative process. In this clipping birth of two issues that have operated as ways to be discussed: the territorial displacement as a possibility for change and subjectivation, and the images as a way to map the experiences influences and changes.

Keywords: territorial displacement; images, investigative process.

À espreita de¹

É por estar à espreita de que algo novo aconteça, pelo desejo de descobrir, de viver uma experiência ainda inédita que se deixa um território. É pela busca por outras referências e ideias que nos dispomos a encontrar coisas novas: lugares, culturas, afetos, conceitos. Ou ainda, quando buscamos modos distintos de relacionarmos com estas mesmas territorialidades. É necessário, todavia, esvaziar-se de certas crenças, sentidos, hábitos, concepções e vivências anteriores, no intuito de se deixar encharcar por outras experiências e intensidades ainda desconhecidas. Permitir-se aprender desde outra posição, ainda que se esteja ocupando-a de modo desajeitado e provisório.

1 A noção de espreita neste caso é explorada a partir de Deleuze, que diz: “Quando vou, sábado e domingo, ao cinema, etc., não estou certo de ter um encontro, mas parto à espreita. Será que há matéria para encontro, um quadro, um filme, então é formidável (...) quando vou ver uma exposição, estou à espreita, em busca de um quadro que me toque, de um quadro que me comova, quando vou ao cinema (...) Uma exposição de pintura, ou o cinema... Sempre tenho a impressão que posso ter o encontro com uma ideia.” (DELEUZE E PARNET, 1988, p. 11-12)

É em parte sobre ocupar desajeitadamente uma nova posição que busco discorrer neste artigo, partindo de algumas das questões e apontamentos que vêm emergindo da investigação doutoral² que desenvolvo atualmente.

A intenção deste ensaio é pensar sobre o processo de investigar estando em deslocamento, reflexionando sobre os tensionamentos no que diz respeito a estar em trânsito geográfico e conceitual, e suas implicações na produção de uma pesquisa acadêmica.

Mobilidades, deslocamentos, nomadismos



Imagem 1: arquivo pessoal da pesquisadora. Ano de produção 2013.

É interessante pensarmos sobre o desejo de querer partir, de ir para outro lugar, de criar outras territorialidades e se construir num outro contexto geográfico. E para isso, levo em consideração a reflexão trazida por Augé (2010: 15 -16), ao dizer que

A mobilidade sobremoderna³ exprime-se nos movimentos de população (migrações, turismo, mobilidade profissional), na comunicação geral instantânea e na circulação dos produtos, das imagens e das informações. Ela corresponde ao paradoxo de um mundo onde podemos teoricamente tudo fazer sem deslocarmo-nos e onde, no entanto, deslocamo-nos.

2 Investigação doutoral desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual, da Universidade Federal de Goiás (UFG), linha de pesquisa Culturas da Imagem e Processos de Mediação. Investigação integralmente financiada pela agência de fomento CAPES.

3 Para Augé o termo sobremoderno é cunhado pensando que “sobre” no adjetivo sobremoderno deve ser entendido no sentido do inglês ‘over’; ele designa a superabundância de causas que complica a análise dos efeitos” (2010, p. 15)

O mundo contemporâneo oferece uma excessiva possibilidade de movermo-nos: deslocarmo-nos através das novas ferramentas de comunicação, do acesso à internet, do acesso mais facilitado ao turismo, de um mundo inteiro visto e experimentado através de filmes, livros, programas de TV, revistas especializadas... Ou seja, há disponível uma multiplicidade de maneiras para deslocarmo-nos, sem necessariamente termos que sair do lugar, pelas quais somos potencialmente afetados e transformados. No entanto, para muitas pessoas, experimentar somente por meio destes recursos e ferramentas ainda não é o bastante, passando estes a servir como disparadores, que potencializam a vontade de partir, de mudar efetivamente de paisagem, de romper com algo dado.

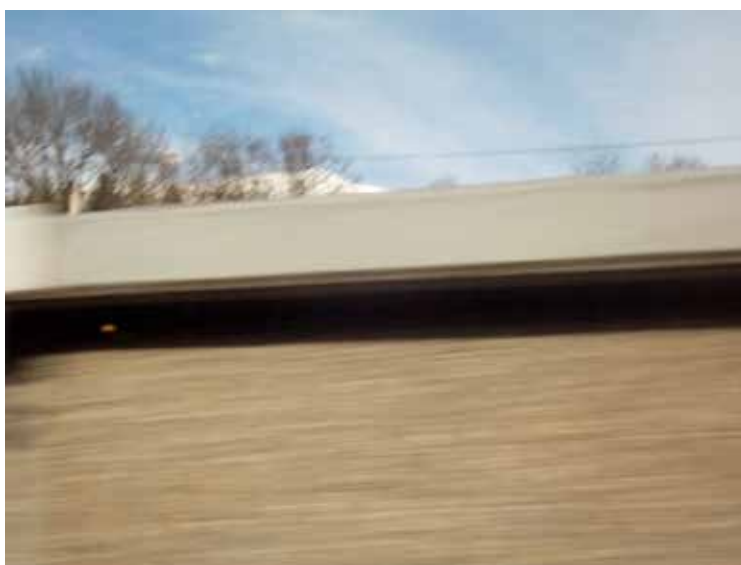


Imagem 2: arquivo pessoal da pesquisadora. Ano de produção 2014.

O desejo de conhecer outros contextos, outras culturas; a necessidade de (re) começar, investir em novos projetos de vida; produzir outros modos de viver em um território distinto; experimentar situações diferentes, conquistar/inventar um novo espaço, construir outras relações com pessoas, explorar outras cenas culturais; um novo trabalho, etc. São tantos os motivos que levam as pessoas a saírem de suas cidades e de seus países... São tantas as condições pelas quais saímos: como imigrantes, como viajantes, como estudantes, como exilados, turistas, etc. O próprio fragmento extraído de Augé menciona algumas destas possibilidades.

Para esta pesquisa em específico, meu recorte se faz nos deslocamentos que se dão pela via profissional, em torno à formação continuada, através dos estudos de pós-graduação, e da construção de uma trajetória como investigador. Ou seja, tomo como um caminho possível a questão profissional, porém, sem ignorar que tais escolhas e mudanças são rizomáticas, e por isso mesmo,

atravessados e influenciados por distintos aspectos da vida, fazendo vazar outras questões, para além da formação.

E, em virtude disto, é até mesmo difícil buscar uma expressão que dê conta desta experiência, no sentido de que os participantes deste trabalho⁴ estão em percurso, não saíram de um determinado lugar para já estabelecerem-se noutra, seguem movendo-se. Encontram-se numa condição de provisoriedade, que, a princípio, perdura o tempo dos cursos aos quais se lançaram: mestrados, doutorados, com uma média prevista entre dois e quatro anos.

Este é um aspecto quase impossível de se prever, já que o tempo de permanência pode ser estendido, como no caso da obtenção de um espaço de trabalho, de uma oportunidade de seguir os estudos de pós-graduação, dentre outros projetos que podem surgir neste período, incluindo-se relações afetivas, a empatia com o lugar, a própria acomodação...

Há também a possibilidade de manter-se em trânsito durante o período de realização dos cursos: realizar parte na cidade do PPG, realizar estágio de doutorado no exterior, transitar entre a cidade de origem e a cidade do curso, dentre tantas outras.

Este tipo de mobilidade acaba por diferenciar o contexto definido para a investigação de muitos dos grupos citados quando se trata do tema dos deslocamentos entre territórios: exilados, imigrantes e turistas, por exemplo. Muitos são os escritos recentes produzidos em torno a estes grupos, e aqui destacaria os nomes de Appadurai (2008), Rogoff (2000), Canclini(1998), Bhabha(1998) e Stam (2006) cujas produções tratam de problematizar seus deslocamentos. Não obstante, Braidotti (2002) ao explicitar as nomenclaturas utilizadas acerca da mobilidade de grupos e indivíduos, propõe uma distinção entre três das categorias mais correntes: os migrantes, os exilados e os nômades. Para ela estes grupos diferenciam-se pelos seguintes aspectos:

O itinerário clássico do migrante é composto por lugares fixos: da “casa” para os países “anfitriões”, em uma série de deslocamentos consecutivos. Argumentei que o migrante – como figura das duras condições econômicas – tende a se apoiar nos valores “natais”, enquanto tenta se adaptar àqueles do ambiente anfitrião (um corte congelado de história).

O exilado, por outro lado, marca a separação radical de – e a impossibilidade de retorno ao – ponto de partida. Mais frequentemente, mas devido a razões políticas, o exilado não conhece vindas periódicas, e idas e voltas de dois lugares comparativamente fixados.

O nômade por outro lado se posiciona pela renúncia e desconstrução de qualquer senso de identidade fixa. O nômade é semelhante ao que

4 Atualmente colaboram com esta investigação sete estudantes de pós-graduação (em nível de mestrado e doutorado). Para esta escrita opto por focar somente parte de alguns relatos, sem pretensão de promover análises pormenorizadas, uma vez que tal etapa encontra-se em processo.

Foucault chamou de contramemória, é uma forma de resistir à assimilação ou homologação dentro de formas dominantes de representar a si próprio. (...) O estilo nômade tem a ver com transições e passagens, sem destinos pré-determinados ou terras natais perdidas. (p. 10)

Então, temos o que a autora chama de subjetividades nômades, ou seja, uma condição que se reporta a um devir nômade em que, independentemente do lugar geográfico, cria-se para si um estilo de vida, um posicionamento não estático, um modo de transitar e posicionar-se não só entre territórios, mas pelas questões que se impõem nas dinâmicas das relações sócio-culturais.

Neste caso, a ideia proposta por Braidotti é pensada como um elemento conveniente e favorável para operar com o grupo de sujeitos que se entrecruzam neste trabalho. Primeiramente pois me refiro a pessoas que acima de tudo deslocam-se pela possibilidade de produzir uma mudança em suas vidas, de produzir um deslocamento que implica numa mudança de postura frente ao mundo do qual participam e pelo qual são construídos, revisando crenças e concepções anteriores.

Ainda, vejo a pertinência desta noção por tratar-se de um modo que indica provisoriamente no que diz respeito aos modos de ser. Entende-se que o processo de deslocar-se tem sua importância no próprio percurso, no caminho percorrido, não tanto aonde se chega ou de onde se sai. Ao sujeito nômade interessa o processo de construir e desconstruir (se), rompendo com as noções de identidade, que fixa e enraíza, bem como com as concepções de pertencimento e origem, em uma identidade unificada.

Sobre o processo

Por considerar todos estes aspectos, neste momento o que mobiliza a investigação doutoral vem a ser pensar sobre o que acontece desde a saída de um território, em meio aos processos de desterritorializar e reterritorializar-se. Assim, tomando minha experiência, atravessada pelos relatos destas outras pessoas que se colocam em trânsito, busco interrogar como se dá o movimento de refazer-se, reinventar-se em novos espaços e conhecer como vamos nos reterritorializando em outras partes. Isto tudo problematizando sobre o que muda (e o que mudamos) em nossas vidas neste processo.

Segundo as primeiras reflexões obtidas dos relatos, o ato de mudar-se, de mover-se por diferentes territórios e situações, configura-se como o ponto mais importante do processo vivenciado por estes estudantes. Não tanto buscar conhecer o destino futuro destes investimentos, isto é, no que resultará ter saído

dos lugares anteriores e onde se estará num momento posterior. É movimentar o que mais nos interessa aqui.

Em conformidade com as falas dos colaboradores, a mudança em si e o que está sendo produzido no momento presente são os aspectos mais significativos, sobretudo quando problematizamos as implicações dessas mudanças em suas vidas e, por assim dizer, esta postura articula-se à noção de sujeito nômade, elaborado por Braidotti.

Não obstante, ao contrário das demais 'categorias' trazidas pela autora, por mais que o destino final (se é que podemos pensar de modo tão incisivo em um destino final) não seja o mais significativo, ou mesmo que o ponto de partida mostre-se necessariamente como algo fundamental (espécie de marco), o sujeito nômade tem liberdade para transitar entre estes múltiplos lugares do mapa que vai sendo por ele desenhado, contanto que haja necessidade para tal.

Assim sendo, os colaboradores, enquanto sujeitos nômades, possuem também trânsito livre para retornar às territorialidades e territórios anteriores e relacionar-se com lugares passados, contudo sempre de modo atualizado, revisitado do ponto de vista dos seus interesses e perspectivas. Podem, igualmente, desde o lugar onde estão, buscar novos espaços, criando novas condições e explorando outras rotas.

Em meio às mudanças, aos dilaceramentos e às desconstruções, somos compelidos a buscar outros modos de (re)compôr, de arquitetar, de construir a partir das ruínas e dos escombros. Para colocar (se) em movimento, para ir a outro lugar (mesmo que não se saia dele), em que se respire de uma outra forma.



Imagem 3: arquivo pessoal da pesquisadora. Ano de produção 2014.

Evidentemente viajar ou mudar de território por si só não é garantia de mudança, de transformação pessoal. Contudo, no caso das pessoas entrevistadas, cujas trajetórias estão de alguma forma configurando o mapa que venho produzindo na investigação, a mudança de território foi o disparo mais intenso para que coisas novas pudessem brotar em suas vidas, ou para que certas rupturas fossem efetivadas.

A seguir, trago um fragmento de um dos relatos, que explicita esta questão:

uma parte significativa da minha mudança de cidade não esteve conectada com meu desejo de ser mestre, mas sim em sair de Porto Alegre. Por quê? Para mudar a mim mesmo. Estive por muitos anos descontente com quem eu era e com o que eu fazia, mas demorei (o que considero) demais para começar a operar algumas mudanças na minha vida. (...) para quem começou a viver em deslocamento, deslocar-se me pareceu uma ótima saída. (TALES GUBES, 2012)

Por maior que seja o conflito entre a permanência, a estabilidade ou a mudança e a promoção de abalos, faz-se notório que os sujeitos em questão (e nisto incluo também minha experiência), por diferentes caminhos acabam por escolher a segunda opção, por mais difícil que se mostre em alguns momentos encaminhar-se para algo desconhecido, ficar sem chão, (se) construir a partir de ruínas e criar condições que sejam favoráveis.

Viver este processo é constantemente lembrar-se de que

não há um caminho traçado de antemão que bastasse segui-lo, sem desviar-se, para se chegar a ser o que se é. O itinerário que leve a um “si mesmo” está para ser inventado, de uma maneira sempre singular, e não se pode evitar nem as incertezas nem os desvios sinuosos. (LARROSA, 2006: 09)

O encontro com este “si mesmo” pode acontecer de inúmeros modos, tantos quantos são os modos de experimentarmos sobre nós mesmos. Mas para isso, é preciso uma disposição para promover este encontro, é preciso sujeitar-se e colocar-se a criar este eu a que se busca. Neste movimento, é importante levar em conta que é preciso “ser arrojado para se querer tornar em tudo o que não se é. É preciso o esforço da torção para chegar a desconjuntar o sujeito que se é, que se acostumou a ser” (PRECIOSA, 2010: 52).

Pensar que os deslocamentos e os trânsitos por diferentes lugares nos afetam e, por isso, nos tornamos outros é importante, mas é também imprescindível investigar os “comos” deste processo, isto é, como e através de quais agenciamentos vamos nos modificando. Que negociações são realizadas conosco e com os novos contextos para que certas mudanças sejam operadas?

Estas reflexões, ancoradas à pesquisa de cunho narrativo não pretendem trazer à tona verdades sobre os processos de se deslocar, informando dados, datas, pontos de partida e de chegada, contando uma vida de modo linear. Por outro lado, pretendem sim construir sentidos a partir da experiência de transitar por territórios distintos e daquilo que é fabricado, inventado, torcido e multiplicado nesta condição. Problematizar como os sujeitos elaboram para si outros mundos a partir destes deslocamentos, tem se configurado, portanto, como um dos pontos chave na investigação que proponho.

O esforço da torção⁵

É impossível dissociar os processos de mutação subjetiva dos processos de mudança social, conforme Rolnik (1995). A subjetividade não está resguardada em um dentro, em uma parte interna do sujeito que é produzida/inventada na solidão, tampouco seria algo incomunicável com os processos de vida que se dizem externos: o convívio social, as relações com o contexto familiar, profissional, as práticas cotidianas, dentre tantos outros. Aliás, aqui nem caberia tratarmos de uma dissociação entre dentro/fora.

O processo de subjetivação se dá através das combinações, dos engendramentos, das reconfigurações realizadas pelos sujeitos, seja num deserto povoado⁶, atualizando interesses e referências, por meio das trocas e afetivações, seja no encontro com outros pares, outras intensidades, modificando-se a si e aos entornos dos quais participam.

Ainda explorando a questão a partir de Rolnik (1997: 06),

(...) se a subjetividade é simplesmente um espaço interno, formando com sua exterioridade um par de opostos numa relação de causalidade – na melhor das hipóteses, dialética – tudo está dado desde sempre e para sempre, e não há como pensar em mudança. Mais impossível ainda pensá-la, se considerarmos que só temos acesso à exterioridade, através da projeção de um mundo interno (...) que nunca paráramos de projetar.

No que diz respeito ao trabalho, entendo estes processos não de modo a buscar causalidades, à procura de uma razão anterior que justifique os desejos de mudar, de sair, de explorar outras possibilidades de vida, uma vez que são múltiplas as forças e os desejos que nos movimentam a construir novas rotas as

5 PRECIOSA (2010)

6 A este respeito diz Deleuze (DELEUZE e PARNET, 1998: 19): “Nós somos desertos, mas povoados de tribos, de faunas e flores. Passamos nosso tempo a arrumar essas tribos, a dispô-las de outro modo, a eliminar algumas delas, a fazer prosperar outras. E todos esses povoados, todas essas multidões não impedem o deserto (...). O deserto, a experimentação sobre si mesmo é nossa única identidade, nossa única chance para todas as combinações que nos habitam.”

quais percorrer. E, justamente por sua multiplicidade, estas rotas não podem ser concebidas tendo um ponto de partida ou centro de convergência.



Imagem 4: arquivo pessoal da pesquisadora. Ano de produção 2013.

Os desejos se dão em agenciamento, estão sempre “mancomunados” com outras formas e outras ações, e assim, se transformam o tempo todo. Não se movem pela falta de algo que precisa ser “reposto”, que preenche um vazio. Ao contrário, se efetuam pela potencialidade de estabelecer outras relações, de gerar encontros, de provocar acontecimentos para além deste suposto dentro.

Essa ideia fica ainda mais viva na medida em que faço uma imersão nos relatos iniciais dos colaboradores. Há uma vontade de conseguir ser mais próximo daquilo que se quer para si, a partir da mudança de território e do distanciamento de certas rotinas e hábitos naturalizados. Não pela mudança de território em si (conforme venho reiterando no decorrer desta escrita) mas pela força que este processo demanda: decidir romper com algo que é estável, fixado enquanto norma, apartar-se de um mundo já conhecido, redimensionar as prioridades. Neste movimento pode-se incluir questões como aprender a se expressar numa outra língua, experienciar ser tocado por um filme, um livro ou uma música, aproximar-se de pessoas desconhecidas, ocupar paulatinamente os novos espaços, sentir a cidade e suas diferentes vibrações e nuances.

São mudanças que, num primeiro momento, já sinalizam a complexidade do que está por vir: os processos de adaptação, de reterritorialização; as negociações realizadas em nome da entrada e participação em novos grupos, o que fazemos com aquilo que experimentamos, as escolhas que faremos daquilo que queremos mostrar, destacar ou dissipar neste contexto atual.

Pensar nos processos de subjetivação não diz respeito a achar uma essência, um nome que classifique, uma categoria ou uma forma de se descobrir enquanto sujeito que é deste jeito ou daquele outro. Diz respeito a pensar nas associações, nas relações que nos fazem ser, sem nos definir, e que nos mobiliza a experimentar sobre nós mesmos.

Contudo, este experimentar sobre nós mesmos não vem a ser algo simples, como parece ao ser escrito. E, como disse Deleuze (*in* DELEUZE e PARNET, 1998: 24) “gritar ‘viva o múltiplo’, ainda não é fazê-lo, é preciso fazer o múltiplo”. Em vista disso, dizer que se faz diferente ou que se produz uma mudança ainda não é fazê-la. Experimentar é colocar-se à prova, é fazer além daquilo que se está acostumado, é esforçar-se para inventar um eu que ainda não se chegou a ser. E nada disso é simples. Demanda investimento de nossos desejos neste projeto, pensar de modo desajeitado até que se ganhe força no meio deste percurso. Somos a combinação díspare das coisas que vamos escolhendo e pelas quais somos escolhidos, produto do que fazemos com estas escolhas e do que pensamos a partir delas.

Ao deslocarmo-nos combinamos e agenciamos novos elementos, dando vazão aos modos de experimentar as outras forças que nos atravessam. Algo que está muito mais voltado a uma condição de “poder aparecer diante de si mesmo estranho, áspero, alquebrado, ambulante, um balaio de muitos” (PRECIOSA, 2010: 52). Uma experiência que certamente não é cômoda e, por isso mesmo, que pode ser pensada como algo processual, nunca automatizada.

Com isso, no entanto, não são descartadas as experiências anteriores, tampouco as motivações e investimentos empregados antes de sair de seus lugares de origem, sem considerá-los causais. Contudo, minha atenção volta-se para as paisagens que vêm sendo invencionadas neste novo mapa, descobrindo quais elementos são priorizados em suas escolhas e, assim, combinados ou sobrepostos acabam por dar forma a um novo contexto de atuação, de vida.

Desdobrar paisagens

A partir do estudo realizado sobre os relatos escritos pelos sujeitos participantes, inúmeros pontos e palavras-chave foram emergindo, contudo, o aspecto que destaco no texto vem a ser a produção de novas paisagens, de novos mapas e territorialidades que se constroem mediante a experiência vivida ao longo dos trânsitos sucedidos. Tais paisagens se conformam não somente do ponto de vista dos lugares por onde se passa, mas sim daquilo que acontece neles, de momentos e vivências que se tornam marcantes em meio ao que se está fazendo com o deslocamento produzido.

As imagens lançadas ao longo do texto são dispostas de modo a pretender uma quebra, uma pequena ruptura entre o texto que está sendo lido e a narrativa que está sendo contada. Uma proposição que busca trazer outros ares para pensar o trabalho, que não se pretende fechado, e ainda para convidar o leitor a adentrar também este processo de deslocar, de *descolocar*-se por meio de suas sensações. Agregar ao texto partes daquilo que se vive, pelo qual se é afetado e também daquilo que nos passa desde os atos cotidianos de (se) desterritorializar.

Compor estas paisagens, a partir de conversações e imagens coletadas e produzidas no decurso dos deslocamentos, tem sido atualmente uma das etapas desenvolvidas no processo investigativo. Isto através da exploração de imagens e outras narrativas emergentes que se relacionem com a experiência de aprender e viver estas mudanças.

Ao passo que procuro problematizar ou pensar sobre a experiência de estar em trânsito e das transformações que decorrem deste movimento vejo que, por vezes, contar oralmente ou escrever sobre aquilo que nos passa não alcança proporcionalmente a intensidade do que se sente ou se quer expressar quando trata-se de elaborar uma cartografia deste processo.

São muitos os detalhes, as nuances que se perdem quando contamos algo por meio da oralidade ou da palavra escrita. E isso ficou ainda mais evidente quando, para elaborar algo em torno dos deslocamentos, passei a trazer também para meus relatos algumas imagens que podiam dialogar ou ampliar os sentidos a partir das experiências vividas.

As imagens, mesmo quando se encontram sós, sem nenhum vínculo com os relatos escritos, produzem novas intensidades, convidam a pensar inclusive para além daquilo que o narrador tinha por intenção, ao escolhê-las. Por outro lado, o próprio narrador por vezes tem pouco claras, ou mesmo fora de seu controle, estes sentidos e intenções. Descobrir o sentido do que nos faz escolher uma imagem dentre tantas outras que são feitas nos percursos diários, enquanto vivemos nossas rotinas, pode ser uma incógnita. Até que, aos poucos, passemos a mapear alguns elementos que possam dar pistas sobre estas seleções, seja pela frequência com que aparecem, seja pelos encontros que evidenciam: com ideias, livros, filmes, espaços, outras histórias...

Contudo, ao pensar que este mapeamento pode, de algum modo, indicar um caminho metodológico de se trabalhar com imagens, há de se considerar que

é preciso buscar um método que seja tão fluido quanto o próprio objeto investigado, que capte suas nuances e contemple a espontaneidade, subjetividade e irregularidade com que as pessoas criam, reproduzem, amalgamam e fruem imagens. (VICTÓRIO FILHO, 2013:58)

As imagens presentes devem abrir outras brechas para que se pense sobre aquilo que é proposto na investigação, oportunizando que novos agenciamentos aconteçam, acreditando que sem elas talvez fossem impossíveis, operando como convites a pensar sobre as mudanças que se dão a partir destes trânsitos experimentados. Talvez este seja um dos desafios atuais do trabalho proposto e por esta razão coloco-me aberta ao diálogo e, mais do que isso, à espreita de outros encontros.

Referências:

APPADURAI, Arjun. *Modernity at large: cultural dimensions of globalizations*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. *Labrys, estudos feministas*. Número 1-2, julho/ dezembro, 2002.

CANCLINI, Nestor G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*: transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos. Éditions Montparnasse: Paris, 1988.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

GUBES, Tales. Depoimento. Entrevistadora: Aline Nunes da Rosa. Arquivo digital formato Word. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Sobre mudar de paisagens, sobre mirar com outros olhos: Narrativas a partir de deslocamentos territoriais. Goiânia: PPGACV/FAV/ 2012.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

PRECIOSA, Rosane. *Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo*. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

ROGOFF, Irit. *Terra Infirma: geography's visual culture*. Londres: Routledge, 2000.

ROLNIK, Suely. 1997. *Uma insólita viagem à subjetividade*. fronteiras com a ética e a cultura. pp 1-11. Disponível em <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/viagemsubjetic.pdf> Acesso em 25 de março de 2011.

STAM, Robert; SHOHAT, Ella. Crítica da imagem eurocêntrica. Rio de Janeiro: Cosac e Naif, 2006.

VICTORIO FILHO, Aldo. Ponderações sobre aspectos metodológicos da investigação na cultura visual: seria possível metodologizar o enfrentamento elucidativo das imagens? In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). *Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013, p. 225-236.

Minicurrículo

Aline Nunes da Rosa é doutoranda do Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual-FAV/UFG, linha de pesquisa Culturas da Imagem e Processos de Mediação, sob orientação da professora Dra. Alice Fátima Martins. Bolsista Capes. Bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior-PDSE (2013-2014), com estágio na Universidad de Barcelona, Facultad de Bellas Artes, sob orientação do professor Dr. Fernando Hernández.